CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS
"PAULINO SOARES DE SOUSA"
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O COTIDIANO DOS PRACINHAS BRASILEIROS NO FRONT[1]

Anysio Henriques Neto
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas "Paulino Soares de Sousa", da UFJF.
Acadêmico do Curso de Filosofia da UFJF.
Acadêmico do Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Juiz de Fora.

A Segunda Guerra Mundial foi um marco para a sociedade contemporânea, por isso vários estudos sobre o assunto já foram realizados, a maior parte deles tentou decifrar os motivos e as conseqüências do conflito no exterior e no Brasil, mas faltam pesquisas sobre o cotidiano dos que nela lutaram.

Este artigo tem como finalidade, demonstrar o cotidiano dos "pracinhas", durante a Segunda Guerra através da pesquisa em fotografias e jornais da época. O objetivo é investigar as ansiedades, os desejos, o que pensavam, o que sentiam e as perspectivas dos soldados brasileiros que lutaram na Itália.

Para elucidarmos historicamente tais questões é necessária a apresentação do quadro sócio-político da época.

O Brasil no Contexto da Segunda Guerra

As décadas de 20 e 30 foram marcadas por mudanças significativas no quadro político do Brasil. No mesmo ano em que a arte brasileira assumia um caráter modernista, em 1922, surgia o levante dos oficiais no Forte de Copacabana. Através dessa manifestação, que continha um caráter de rebelião, o tenentismo lançou o nome

[1] Este trabalho, orientado pela Profa. Patrícia Moreno, está vinculado ao Núcleo de Estudos em História e Imagens do CES-JF. Trata-se de uma pesquisa em fase de elaboração, com resultados ainda parciais.

de Luís Carlos Prestes. As tentativas de lançar um golpe contra o governo falharam, devido a falta de sustentação política e uma ideologia ambígua, só restaram aos tenentes o exílio.

A sucessão presidencial, de Washington Luís, fez com que a disputa pelo cargo marcasse o fim da chamada, política do "café com leite". Tal política, durante anos, caracterizou-se pela prática com a qual Minas e São Paulo praticavam o revezamento no cargo presidencial. Porém, durante o novo processo eleitoral, São Paulo lançou novamente seu candidato, Júlio Prestes, e isto provocou a ruptura desta prática.

Na disputa pelo cargo, surgiu em Minas a Aliança Liberal que tem como candidato o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas. A plataforma de Getúlio era marcada por novas propostas: voto secreto, voto feminino e oito horas de jornada de trabalho para os operários.

As eleições realizadas em março de 1930 devido ao seu caráter "competitivo", contaram com um clima de tensão por parte da população, já que a crise de 1929 gerou danos à economia brasileira. Manipulada pela velha oligarquia cafeeira, a "máquina" eleitoral levou Júlio Prestes à vitória.

O assassinato do vice de Getúlio, João Pessoa, aumentou o clima de crise, tanto econômica quanto politicamente. Este foi o subterfúgio encontrado pela aliança liberal para legitimar a ascensão do gaúcho à presidência. Então, no dia 03 de outubro inicia-se a luta político-militar pelo poder e no dia 24 deste mesmo mês: "a notícia de que o presidente Washington Luís havia sido deposto fez cessar toda a luta militar no país" [2]. Consolidado o golpe, Vargas assume a presidência.

Com a inexistência do Legislativo, Getúlio Vargas passou a governar com amplos poderes, resguardado pelo congresso nacional. Visando uma aproximação com a massa trabalhista, foram tomadas medidas voltadas à classe operaria e em contra partida os sindicatos perderam força.

Vargas levou o país à industrialização, porém a economia se fragilizou e a moeda sofreu uma desvalorização. Na situação em que o país se encontrava, a solução seria criar um Estado forte que pudesse tirar o país da crise, político-econômica, na qual ele se encontrava.

Com o Estado cada vez mais presente e participativo na economia e nos setores de produção, os trabalhadores viam-se cada vez mais pressionados e seus sindicatos perdiam força cada dia mais.

Em 1933, a partir da eleição da Assembléia Constituinte, esta elaborou a Carta Magna e marcou a data para um novo processo eleitoral, a ser realizado em 1938, quando Getúlio Vargas seria sucedido.

Como parte do povo se opunha ao governo e às mudanças de Getúlio, foi criada a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Sob a presidência de Luís Carlos Prestes, este unia setores operários, classe média e setores do baixo escalão das forças armadas. Suas propostas eram nacionalização de empresas estrangeiras, salário mínimo e o cancelamento das dívidas externas (imperialistas).

O rápido crescimento da ANL passou a preocupar o alto escalão do Exército brasileiro. Assim, Getúlio e seus generais planejavam um golpe para a consolidação de um Estado forte. A criação do estado novo foi uma forma de conciliação entre a burguesia industrial e a burguesia agrária.

A classe representante do setor industrial ganha força com o desenvolvimento de um surto industrial. A indústria pesada brasileira se desenvolve e as forças produtivas começaram a pressionar por novas relações de produção.

Já os integralistas, os camisas verdes, queriam acabar com o caráter liberal assumido pelo governo e para isso se apoiavam nos ideais fascistas europeus, que segundo o alemão Wilhelm Reich, "transformavam crianças vivas e saudáveis em inválido, aleijados e idiotas morais; porque exaltam o Estado mais do que a justiça". [3]

Em abril de 1935, com a criação da lei de Segurança Nacional, o governo de Getúlio se fortalece e se resguarda em relação à oposição. Os primeiros a sentirem suas conseqüências foram, os comunistas do PCB e os operários do movimento sindical. Em Julho do mesmo ano foi a vez da ANL que, depois de fechada, gerou um movimento armado em Natal, mas este foi controlado.

Para dar continuidade à sua política, Getúlio criou o Tribunal de Segurança Nacional e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Todas essas medidas visavam consolidar o Estado e torná-lo forte, mas, além disso, Vargas já visava o futuro golpe.

Com a aproximação das prometidas eleições de 1938, que sucederiam Getúlio, São Paulo lançou a candidatura de Salles Oliveira contra José Américo, ministro da Viação e Obras e por fim a Ação Integralista Brasileira elegeu Plínio Salgado.

---

[2] TOTA, Antonio Pedro. O Estado Novo; p. 11.
[3] REICH, Wilhelm. Escute Zé Ninguém; p. 2.

Alegando a existência de um plano comunista para tomar o poder, Plano Cohen, Vargas pediu ao congresso que fosse declarado o Estado de Guerra. Aprovado o pedido do presidente, foram criados campos de concentração e colônias agrárias para o encaminhamento de presos. Estes, porém, em sua maioria por serem presos políticos, tinham de freqüentar centros de reeducação moral e cívica.

No dia 10 de Novembro de 1937 foi lançada a nova constituição, que ficou conhecida como "Polaca", por ser uma cópia da constituição polonesa de caráter ditatorial. Horas mais tarde policiais cercaram o congresso, onde não houve resistência, estava instituindo o Estado Novo.

Tomado de poderes absolutos e decisões arbitrárias, autoritárias e paternalistas, o ditador lança na ilegalidade a Ação Integralista Brasileira. Apesar de sua decisão, Getúlio era simpatizante dos ideais fascistas como os integralistas.

Como já mencionamos, a política praticada pelo Estado Novo visava, por meio de ampliações das leis trabalhistas a aproximação com a massa operária. Os resultados desta política foram os projetos para a criação da hidroelétrica de Paulo Afonso e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda.

O governo implantou a ideologia trabalhista, esta promovia a aproximação da massa operária (filho) junto ao Estado (pai), por meio da criação de mais leis trabalhistas. O regime ditatorial era mascarado pela política populista de Getúlio, que apelava para o paternalismo afetivo. Apesar de criar cada vez mais leis trabalhistas, proibia greves e quase extinguiu os sindicatos em todo o país.

Através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em dezembro de 1939, o Estado institucionalizou a censura sobre os meios de comunicação, que já acontecia antes. Dividido em vários setores, como Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa e Serviços Auxiliares, esse departamento promovia, também, a propaganda do governo. Além de censurar programas de rádio, peças de teatro e artigos de jornais, o DIP organizava e patrocinava manifestações cívicas e festas populares com o intuito patriótico.

Programas de rádio, como "a Hora do Brasil", eram transmitidos diariamente, promovendo a propaganda do governo em rede nacional, através de informes oficiais e até mesmo programas culturais. Através deste Órgão, Getúlio, exercia o papel de conciliador entre o 'pai' e seus 'filhos'.

Pressionado pelo Imperialismo alemão e norte-americano, Vargas deu início à política pendular, onde o apoio nacional oscilava entre ambas de acordo com a

conveniência. O jogo político tinha um objeto principal, o financiamento para a construção da CSN e da hidrelétrica, tanto desejados pelo governo brasileiro.

Imbuído de um sentimento simpatizante ao regime fascista italiano, Vargas fez um discurso inflamado contra os regimes democráticos em 1940. Em represália às palavras proferidas por Getúlio, os ingleses aprisionaram o cargueiro Minas Gerais.

Devido à situação, constrangedora, os norte-americanos tornaram-se mediadores do incidente e logo a embarcação brasileira foi liberada. A partir deste fato, o governo norte-americano estendeu, através da inversão cultural, o processo de aproximação entre os dois governos.

No ano seguinte, em 1941, o Brasil firmou o contrato de financiamento para a construção da CSN, com a empresa norte-americana United Station Stell Corporation. Em resposta ao acordo firmado entre Brasil e EUA, a marinha alemã torpedeou embarcações na costa brasileira. A reação da população foi imediata, através de manifestações antifascistas lideradas pela UNE, o povo cobrou um posicionamento do governo frente a essa agressão.

O resultado das pressões e manifestações concretizou-se nas exonerações de Filinto Müller, Francisco Campos e Lourival Fontes, acusados de manifestarem simpatia pelos governos italiano e alemão, ou seja, serem fascistas e ou germanófilos.

Em 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo, meses depois: "entre 22 e 30 de agosto, Getúlio declarou Estado de guerra contra as potências do Eixo (menos ao Japão)" [4]. O clima de tensão voltou novamente e houve retaliações tanto por parte do governo como da sociedade, aos imigrantes alemães, italianos e posteriormente aos japoneses.

O Brasil e a Segunda Guerra

A partir da declaração de guerra contra um regime ditatorial fascista, surgiram manifestações de oposição ao regime de Getúlio. Isso ocorreu porque o governo Varguista continha, em certos aspectos, algumas semelhanças com o regime italiano. O Estado Novo após a guerra se deparou com uma profunda contradição, as mesmas características fascistas que se via nas potências do eixo estavam presentes no

[4] TOTA, Antonio Pedro. O Estado Novo; p. 55.

governo de Getúlio. No futuro o Brasil perceberia que não havia espaço para governos nacionalistas na sociedade pós-guerra.

A repressão a grupos estudantis, operários e comunistas acirrou-se ainda mais, após a publicação do Manifesto dos Mineiros, de 1943, no qual eles reivindicavam liberdade e direitos que lhes eram negados.

Em estado de guerra, os americanos já ocupavam bases militares na costa brasileira e forneciam armamento ao exército brasileiro. Com todas as medidas sendo tomadas durante o esforço de guerra, o poder aquisitivo da população diminuiu e a luta de classes passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros novamente.

Devido ao crescimento das práticas capitalistas e liberais, cada vez mais independente do Estado, o regime ditatorial de Vargas passou a ser rejeitado pelos novos investidores, que visavam cada vez menos à participação do Estado na economia.

No ano de 1945, com o fim da guerra, o Estado Novo perdeu forças e o povo exigia eleições diretas e elas foram marcadas para dezembro do mesmo ano e logo começou a agitação partidária no país. Com o final da guerra uma nova potência surgiu no cenário mundial e com ela um imperialismo arrastando todas as economias em fase de desenvolvimento.

No ano de 1945 o brigadeiro Eduardo Gomes candidatou-se à presidência pela União Democrática Nacional (UDN), partido recém-criado pela oligarquia fundiária. Eurico Gaspar Dutra foi o candidato eleito PSD. Devido ao benefício da anistia, Luís Carlos Prestes, do PC, voltou do exílio.

Na tentativa de manter o moral de Getúlio, o PTB lançou o movimento chamado de “queremismo”, pois este reivindicava a permanência do atual presidente para a elaboração de uma nova constituição. O último mandato de Vargas sofreu uma extrema pressão externa e popular, não podendo se equilibrar devido as gritantes contradições, ele foi deposto.

O fim do Estado Novo e da presidência de Getúlio Vargas se deu da mesma maneira que a sua ascensão. Após nomear seu irmão, Benjamim Vargas (Beijo) para a chefia de polícia, o ministro da guerra, Goes Monteiro liderou o golpe que deu fim ao Estado Novo.

Quando da declaração de guerra, residiam no país, aproximadamente 650 mil alemães, 6 milhões de italianos e 250 mil japoneses. Suas respectivas embaixadas foram fechadas, os documentos queimados e os diplomatas deixam o país.

Os movimentos antifascistas cresceram a partir da declaração de guerra, segundo Tota: "Em 1942 já havia forte movimento antifascista, manifestado nas grandes passeatas, destacando-se principalmente a de 4 de julho de 1942, liderada pela União Nacional dos Estudantes ..."[5]

No cenário político, os E. U. A. e o Brasil acertavam acordos e medidas para a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), com a qual fariam frente nas linhas de combate, deixando assim de ser um mero fornecedor de matérias primas.

A demora na sua criação deveu-se ao fato de serem os norte-americanos os responsáveis por equipar os contingentes militares brasileiros. Mas durante as negociações, vários oficiais, como Goes Monteiro e o General Mascarenhas, já estavam nos E. U. A. em cursos de capacitação e treinamento.

O Brasil na Segunda Guerra

Com a conclusão dos acordos de aliança e traçados os devidos planos estratégicos, criou-se em 11 de agosto de 1943 a FEB, um ano após a declaração de guerra às forças do eixo. Assim sendo, foi decidido que os brasileiros receberiam treinamento e equipamentos norte-americanos e iriam para o norte da África antes de combaterem efetivamente.

Com o fim do curso de guerra no continente africano, em 16 de julho de 1944, mais de 5 mil soldados brasileiros desembarcam em Nápoles, Itália. Fato curioso é que durante o desembarque, os brasileiros foram confundidos com prisioneiros alemães, devido ao uniforme, e foram atacados verbal e fisicamente pelos cidadãos italianos.

A chegada no campo de batalha não foi exatamente como o combinado, visto que os equipamentos destinados aos soldados brasileiros não estavam disponíveis e estes foram encarregados de vigiar o porto em que desembarcaram. Tal situação, em certa medida, foi benéfica porque este período de inércia militar permitiu um maior contato entre brasileiros e italianos.

O clima mediterrâneo, causou estranheza aos soldados, que estavam habituados à climas tropicais e também pela falta dos agasalhos de inverno que já deveriam estar em posse dos combatentes.

---

[5] TOTA, Antonio Pedro. O Estado Novo; p. 54.

Não só o frio causou espanto aos brasileiros, mas também os hábitos alimentares dos aliados norte-americanos. O modelo de "breack-fast", ou seja, corresponde ao nosso café da manhã, com algumas restrições, surpreendeu os brasileiros tanto pela prática, quanto pelo tipo de alimentação. Noticiado pelo jornal Diário Mercantil: "Adotado o breack-fast para a primeira refeição do dia", [6] estava registrada a mudança no hábitos alimentares dos brasileiros.

Os expedicionários aderiram à pratica norte-americana, sem sucesso, o que fez com que o governo brasileiro tivesse que intervir. A solução encontrada, foi a complementação alimentar para as tropas brasileiras, por parte do governo brasileiro. Sendo assim, de acordo com William Waack, foram adicionados: "... 160g de arroz e feijão e mais 150g de mandioca, às rações do tipo B".[7]

A entrada do Brasil na guerra tornou-se um fato desconhecido para o inimigo e até para os próprios italianos, que somente quando da libertação das cidades vinham, a saber, que os soldados libertadores eram brasileiros. Tal desconhecimento transformou-se num fator estratégico de extrema utilidade às tropas brasileiras, sendo que somente em 15 de outubro de 1944, segundo o jornalista William Waack em "As duas faces da glória", foram feitos os primeiros prisioneiros brasileiros.

Ainda no Brasil, Getúlio criou projetos que beneficiassem os combates, afinal de contas, estes patriotas estavam defendendo o direito de liberdade e depondo um governo ditatorial fascista, em certa medida, bem próximo do qual eles viviam no seu país. Além de a complementação alimentar, foram criados um sistema de correspondência e a rádio do expedicionário.

Tais iniciativas demonstravam a preocupação do governo com seus soldados e aumentavam o moral das tropas. Visto que a viabilização de um tipo de contato familiar era muito valorizada pelos soldados.

Assim, em 19 de agosto de 1944 foi criado pelo departamento dos correios e telégrafos o sistema de comunicação, chamado de "mensagem da força expedicionária". Desta maneira os familiares dos soldados poderiam enviar e receber notícias, via telégrafo, desde que recebessem e o obedecessem às instruções necessárias. Segundo o jornal Diário Mercantil, o serviço estaria disponível por um preço módico de 12 cruzeiros.

---

[6] Diário Mercantil; 26/09/1944.
[7] WAACK, William. As duas faces da glória; p. 30.

Cotidiano e Religiosidade dos pracinhas brasileiros

A principal fonte por nós investigada até o momento foi o acima referido jornal "Diário Mercantil"[8]. Este periódico, de circulação urbana, fazia parte do diário dos associados, que circulava diariamente em Juiz de Fora e recebia informações através desta associação jornalística.

As informações desse periódico apontam a instalação do serviço postal da FEB, que permitiria um transito de correspondências e encomendas feitas pelos soldados direto do front para o Brasil. As encomendas só poderiam conter:

> "chocolate, café, mate, doces secos, biscoitos, cigarros, fumo, desfiado ou em rolo, sabonetes, escovas, pasta de dente, lâmina e pincel para barba, roupa não usadas, pequenas peças de uso pessoal, estampas, imagens religiosas, retratos e artigos de ótica."[9]

Nas cartas, os soldados só podiam escrever:

> "o posto ou graduação, o nome do destinatário, número indicativo do destino ou objeto e as iniciais da FEB. Tais serviços atendiam a necessidades básicas de um homem, ainda que soldado e em guerra."[10]

Percebemos com isso os cuidados oferecidos pelo serviço postal e telegráfico, uma vez que tais objetos e mensagens tinham grande relevância para os combatentes.

Atuando nos campos europeus, os militares brasileiros conviviam constantemente com a iminência de morte. Tal fato tornava-se mais assustador, visto que suas famílias estavam distantes e a comunicação com elas tornou-se difícil. O apoio dos familiares, através de cartas, fotos ou recados pela rádio do expedicionário, transformavam-se em um incentivo a mais para os combatentes.

O medo da morte e a saudade dos parentes misturavam-se com o ideal de combater um estado opressor, ditatorial, fascista e esse amalgama de sentimentos servia-lhes de inspiração para enfrentar o inimigo.

O contato com as famílias italianas, algumas já dilaceradas com a morte de membros, traziam lembranças aos combatentes da FEB, que por muitas vezes

---

[8] Além do jornal Diário Mercantil utilizaremos como fonte as fotografias do Arquivo da FEB e entrevistas com os pracinhas.

[9] Diário Mercantil; 20/07/1944.

dividiram o teto e a comida com eles, devido à solidariedade e às circunstâncias. A população italiana, em certa medida, assemelha-se à brasileira, visto que os laços familiares têm muito valor e exercem influência direta sobre os mesmos.

Devido a isso, criou-se uma relação "familiar", entre os combatentes da FEB e os cidadãos italianos. Relação essa que ainda hoje é lembrada, através de memoriais, estátuas e comemorações, pelo povo italiano.

A questão religiosa, tão relevante quanto a familiar, foi reforçada pelos italianos devido ao país ser em sua maioria católico, assim como o Brasil da década de 40. Sem dúvida ambos, pracinhas e civis italianos, tiveram uma aproximação maior e reafirmação de valores religiosos, mediante o medo da morte e a situação de caos vivida por eles. No entanto o respeito aos mortos bem como o culto as suas memórias fica evidente na sociedade italiana, que reconhece e se sente grata ainda hoje pelos esforços dos brasileiros na guerra. Já no Brasil, tal sentimento restringe-se aos veteranos, suas famílias e uma pequena parcela da população.

No campo religioso, alguns nomes ganharam destaque durante a guerra como: "André Camurça, Archimedes Bruno, Irineu Lima Verde ou José Sinval Façanha"[11]. Estes homens, ligados ao sacerdócio, cientes do valor e da necessidade da religião na vida e no cotidiano do brasileiro, foram voluntários.

Desempenhando o papel de capelães, suas funções variavam de cultos religiosos à encomenda de corpos. Estas figuras, quando em campo, elevaram o espírito dos expedicionários, que agora contavam com um representante de Deus para vencer o inimigo e garantir-lhes o apoio espiritual. É curioso destacar que estes religiosos não se restringiram somente à padres católicos, visto que capelães protestantes também estiveram presentes no front, ainda que em menor número.

O apoio religioso não partiu só destes sacerdotes, sendo que a população também tinha consciência da importância da religião para os pracinhas. Tanto é que em Porto Alegre foram feitas duas capelas portáteis, pela população, que deveriam ser enviadas para o campo, a fim de proporcionar melhores condições no atendimento espiritual dos expedicionários.

---

[10] Diário Mercantil; 23/07/1944.
[11] Diário Mercantil; 25/07/1944.

Conclusão

Os dados aqui apresentados e os que ainda iremos investigar certamente são capazes de trazer a luz "cenas" de um passado próximo, porém ainda por descobrir. Investigar o cotidiano da Guerra significa demonstrar as contradições inerentes aos seres humanos, enquanto sujeitos históricos.

As participações dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra devem ser estudadas e discutidas, visto que existe uma grande parcela da população que simplesmente desconhece os episódios lá vividos por estes brasileiros, assim como nós.

Ainda hoje o povo italiano reconhece o esforço de guerra brasileiro, mas mais importante do que as vitórias e as estratégias militares usadas nos conflitos é de vital importância estudar e reconhecer os esforços destes brasileiros. Daí estudarmos o seu cotidiano, sua alimentação, práticas religiosas, relações pessoais e até mesmo as atividades desenvolvidas durante o período de ócio.

Por fim os estudos que ainda se seguirão sobre os veteranos de guerra, tem muito a revelar sobre o nosso próprio cotidiano, bem como a possibilidade de explicar outros problemas da sociedade brasileiras, que nós trazemos como uma herança destas décadas passadas.

Bibliografia

D`ARAÚJO, Maria Celina. O Estado Novo. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

REICH, Wilhelm. Escute Zé Ninguém. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOTA, Antonio Pedro. O Estado Novo. 5.ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

TOTA, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WAACK, William. As duas faces da glória. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.